

A Fabulosa Caravana do Seu Malaquias: um viva à alegria!

Por Livia Mattos¹

Sempre me fascina o teatro de bonecos! A vida de personagem que se dá a objetos, inanimados até que o bonequeiro manipule; a expressão fixa materializada no rosto dos bonecos, mas que parecem ganhar mesmo vida na encenação; o envolvimento do artista que manipula e cria a sua obra-personagem... acho tudo isso muito precioso. E uma grande brincadeira, como se costuma dizer no teatro de mamulengo! Foi nesse espírito lúdico, prometendo trazer alegria na primeira cantiga, que o Grupo Boneco Vivo realizou o seu espetáculo *A Fabulosa Caravana do Seu Malaquias*, nesta trigésima quinta edição do Festivale.

Os bonecos foram confeccionados por Vivian Rau - que também assina a direção geral do espetáculo, o roteiro e as músicas - e ganham vida nas suas mãos e nas mãos de George Furlan, através da manipulação dos bonecos e da expressão vocal, que dá identidade a cada personagem. É interessante observar o tamanho e destaque exagerado nos olhos e bocas, característico dos mamulengos, que ajudam na visualização à distância e criam a expressão de cada um deles.

As músicas compõem a dramaturgia, desde a entrada em cortejo, como

¹ Livia Mattos é circense, acordeonista, cantautora e socióloga. Nascida em Salvador/BA, dedica-se à pesquisa sobre o circo brasileiro - sobretudo no que tange a sua interface com a música - documentando narrativas de circenses veteranos e desenvolvendo trabalhos autorais no campo cênico-musical há 18 anos. Destaca-se, dentro da sua produção criativa, "A Sanfonástica Mulher-Iona", "As trigêmeas", "Mono Amour", "Sanfona aérea", "A Lira da Lona" e o mais novo "Retumbantes" - além do seu álbum "Vinha da ida", lançado pela Natura Musical. Atualmente, é mestranda em Artes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

também nos acompanhamentos dos personagens, efeitos sonoros e levadas rítmicas das cenas. Essa parte é conduzida pelo músico Moringa, com auxílio da estreante Jade Magalhães - brincante aprendiz, filha de Moringa. Na personagem Florisbela, Jade também auxilia o apresentador, o personagem Seu Malaquias, encenado por Carlos Cesare, que também colaborou com o figurino. Eles figuram como uma trupe familiar circense ou de arte de rua, que vão seguindo estrada e transmitindo o seu repertório pela oralidade, deixando evidente que bebem nessa tradição, nos signos e referências do repertório popular.

Dialogando com os tempos e as questões de agora, as piadas e músicas tocam em assuntos como *fakenews*, questões ambientais e políticas, de forma leve, sendo didática, sem parecer que tem esse intento - o que pode tornar ainda mais eficaz o caráter educativo. Mas a dramaturgia de modo algum se centra nisso. Trata-se de uma caravana de atrações, com uma estrutura de números, começando com um divertido desafio de emboladas entre Justino e Josefina, que convoca o público a cantar junto, passando por números de mentalismo e encantamento de serpentes. As personagens que apresentam os números são bonecos manipulados, que se relacionam dialogicamente com o apresentador. É interessante o jogo que se faz entre essas personagens que apresentam os números, que são bonecos, e o apresentador, que vai conduzindo o espetáculo, figurando como um palhaço "branco" para estes, em carne e osso. Todas as personagens acabam sempre retornando à ideia de que Seu Malaquias fez cortes no cachê, que impede a realização completa da apresentação. Querendo ou não, nos faz remeter à precariedade de recursos para as artes, sobretudo populares, que seguem na resistência, em dinâmica e reelaboração.

O espetáculo, sem dúvida, compõe o documento poético lúdico do Festivale. Deu vontade de vê-lo presencialmente na beleza das ruas, mas contento-me com a interação virtual desses tempos pandêmicos, aguardando a próxima ocasião para entrar embaixo da cobra que encerra o espetáculo e fazê-la serpentear por aí.

Viva o teatro popular!